



## **CORPOS MARCADOS, MENTES INVISIBILIZADAS: UM OLHAR CRÍTICO ÀS ATUAÇÕES PSICOTERÁPICAS À NEGRITUDE BRASILEIRA**

### **MARKED BODIES, INVISIBILIZED MINDS: A CRITICAL LOOK AT PSYCHOTHERAPEUTIC PRACTICES REGARDING BLACKNESS**

DUARTE, Jailson <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise crítica da invisibilização da subjetividade negra na Psicologia clínica. A revisão da literatura demonstra que o racismo atravessa gerações e continua sendo uma fonte de sofrimento à saúde mental da população negra. A escassez de abordagens apropriadas da Psicologia à população negra é um problema real. A Psicologia tradicionalmente branca não contempla as especificidades do negro brasileiro, gerando lacunas na clínica, como falta de entendimento de sua queixa, diagnósticos equivocados e perda de vínculo com o paciente, além de desestimular a procura por atendimento psicológico desse grupo. Esta pesquisa propõe uma investigação sobre as experiências de pessoas negras em contextos psicoterapêuticos, buscando identificar as lacunas e os desafios existentes. Os resultados preliminares ressaltam a necessidade e urgência de uma psicologia mais atenta às vicissitudes da negritude, com a adoção e implementação de práticas antirracistas e a descolonização do saber psicológico.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica. Subjetividade negra. Descolonização do saber.

**Abstract:** This article presents a critical analysis of the invisibilization of black subjectivity in clinical psychology. The literature review shows that racism spans generations and continues to be a source of suffering for the mental health of the black population. The lack of appropriate approaches in psychology for the black population is a real problem. Traditionally white psychology does not address the specificities of black Brazilians, creating gaps in clinical practice, such as a lack of understanding of their complaints,

<sup>1</sup> Bacharel em Administração. Estudante de Graduação em Psicologia pela Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: jailsonduarte@rocketmail.com

misdiagnoses, and loss of bond with the patient, in addition to discouraging the search for psychological care by this group. This research proposes an investigation into the experiences of black people in psychotherapeutic contexts, seeking to identify the existing gaps and challenges. The preliminary results highlight the need and urgency for a psychology that is more attentive to the vicissitudes of blackness, with the adoption and implementation of anti-racist practices and the decolonization of psychological knowledge.

**Keywords:** Clinical psychology. Black subjectivity. Decolonization of knowledge.

**Resumen:** Este artículo presenta un análisis crítico de la invisibilidad de la subjetividad negra en la Psicología clínica. La revisión de la literatura demuestra que el racismo se extiende por generaciones y continúa siendo una fuente de sufrimiento para la salud mental de la población negra. La escasez de enfoques psicológicos adecuados para la población negra es un problema real. La Psicología tradicionalmente blanca no considera las especificidades de los brasileños negros, generando lagunas en la clínica, como incompreensión de sus quejas, diagnósticos erróneos y pérdida de vínculo con el paciente, además de desincentivar la búsqueda de atención psicológica para este grupo. . Esta investigación propone una investigación sobre las experiencias de personas negras en contextos psicoterapéuticos, buscando identificar brechas y desafíos existentes. Los resultados preliminares resaltan la necesidad y urgencia de una psicología más atenta a las vicisitudes de la negritud, con la adopción e implementación de prácticas antirracistas y la descolonización del conocimiento psicológico.

**Palabras clave:** Psicología clínica. Subjetividad negra. Descolonización del conocimiento.

## 1 INTRODUÇÃO

“Maria, Maria,  
é o som,  
é a cor,  
é o suor  
É a dose  
mais forte e lenta  
De uma gente que ri  
quando deve chorar  
E não vive,  
apenas aguenta [...]”.

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Durante o processo de escolha do tema para este artigo, inicialmente surgiu e persistiu uma ideia evasiva, de que, como negro e estudante de Psicologia, pareceria um lugar-comum abordar o tema racialidade, o que me fez pensar em outros possíveis

temas. Durante esse mesmo período, estava imerso na obra “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório (2021), ganhador do prêmio Jabuti 2021, quando me deparo com a seguinte passagem do livro:

A psicanálise tinha cor e ela era branca, você pensou. E definitivamente havia coisas que escapavam a Freud. Você só queria ser honesto consigo, porque nunca sabemos se somos suficientemente bons ou quando somos incapazes de fazer algo, não pela nossa cor, mas porque simplesmente não conseguimos fazer, você pensava. E ninguém nunca diz que você pode fracassar. Que está tudo bem se você cometer um erro. O mundo seguirá. Fique tranquilo. Nada de mais vai acontecer. Quando uma pessoa branca nos elogia, nunca saberemos se aquilo é sincero, ou apenas uma espécie de piedade, ou para não se sentir culpada, ou mesmo para não ser acusada de racismo. Não sabemos avaliar nosso fracasso. Porque é tentador atribuir todas as nossas fraquezas e nossas falhas ao racismo. E, para não cair nessa armadilha, você precisa tirar forças sabe-se lá de onde e construir dentro de si uma espécie de balança ética, e não sei explicar bem como uma porra dessas funciona, entende? Porque você passa a vida escutando que, apesar de tudo, você tem de aguentar. Você passa uma boa parte da vida apanhando e ainda dizem que você não pode fazer certas coisas que você não é capaz, como também precisa mostrar que é sempre melhor. E quando você falha, quando você cai, você precisa abrir mão da autopiedade, mesmo que seja a sua única bengala, mesmo que haja um mundo nefasto ao seu redor, é preciso ser honesto com seus afetos. Mas isso dói. E às vezes não se quer ter essa coragem. E ainda assim, por mais que você seja sincero consigo, por mais que você derrube as ilusões, sobrar sempre aquela dúvida sobre suas reais capacidades, E essa é a perversidade do racismo. Porque ele simplesmente te impede de visitar os próprios infernos. Sim, Freud nos escapa.

Esse trecho me impactou profundamente, pois exprimiu muito as minhas vivências como homem negro; senti-me lendo meu diário (que nunca escrevi), com os sofrimentos e angústias de viver sempre na linha de ser mal interpretado, buscando a superação em tudo o que realizo, para me destacar e conquistar “certos privilégios” que me foram negados, assim como a outros do meu grupo, aqui racial, sobre o qual Veiga (2019) explica:

Como descendentes de africanos nascidos pós-abolição, e ainda que não tenhamos vivido os horrores da escravidão do modo como nossos ancestrais viveram, trazemos as marcas desse período. Para além disso, estamos inseridos num país que implementou e que perpetua com múltiplos dispositivos uma política de embranquecimento da população. Política esta que se inaugura com a abertura do país para a entrada de imigrantes europeus no fim do século 19 a fim de substituir a mão de obra escrava e que se desdobra até os dias de hoje.

Seguimos regras transgeracionais, que nossos ascendentes vivenciaram e repassaram inconscientemente, e que provavelmente também repassaremos aos nossos descendentes, entre as quais andar sempre com algum documento de identificação, vestir-se bem para não ser confundido com algum malfeitor, não responder à polícia por mais que esteja correto (para não ser preso, ou pior, desaparecer e ter a sorte de seu corpo ser encontrado), andar com notas fiscais dos itens caros que compramos (para comprovar que de fato somos proprietários). Esses são alguns exemplos que, ao se pesquisar, aparecerão em diversas notícias desse tipo.

Ampliando mais a discussão, inquieta-me saber como o racismo influencia a procura por serviços de saúde mental por parte da população negra. O trecho apresentado anteriormente do livro de Jeferson Tenório apresenta a escassez do serviço psicológico no âmbito da Psicanálise, no entanto, essa falta pode ser atribuída a toda a Psicologia como um todo. Essa passagem literária tornou-se, assim, o agente catalisador para definir que o tema de minha pesquisa deveria ser justamente sobre as lacunas existentes na Psicologia ao tratar da saúde mental do povo negro.

Os versos da canção de Milton Nascimento e de Fernando Brant conseguem, enfim, expressar de forma tão lírica e tão dolorosa a complexidade deste tema que apresento. Nesse sentido, se for para rir ou para chorar - e não só aguentar - o negro também tem o direito ao atendimento igualitário à sua saúde mental, como preconiza a Constituição cidadã de 1988, resguardada a garantia do cuidado de suas especificidades, de modo que abordar questões raciais no Brasil ainda é muito necessário, inclusive no âmbito da Psicologia, onde, infelizmente, também a cor da pele ainda é violentada.

## **2 MARCO TEÓRICO**

Conforme o último Censo realizado em 2022, a população brasileira é composta majoritariamente por negros (pardos e pretos), atingindo 55,5%, que ultrapassaram, desde 1991, a população branca (Belandi; Gomes, 2023). Apesar da representatividade numérica, ainda estamos longe de alcançar igualdade, já que esse grupo ainda é predominantemente marginalizado e excluído, o que se evidencia em diversas áreas da sociedade, inclusive a partir das pesquisas acadêmicas.

Em seu estudo, Werneck (2016), ao pesquisar sobre o tema “saúde da mulher negra” na biblioteca virtual Scielo, encontrou apenas 28 artigos e, ao concentrar o tema voltando-se para a saúde pública, o resultado foi míngua – apenas 6 foram encontrados. Seguindo os mesmos passos, realizei a pesquisa mais focal, utilizando as palavras-chave “saúde mental negra na clínica” na mesma biblioteca virtual, quase 10 anos após a pesquisa de Werneck, e o resultado infelizmente foi surpreendente: apenas 5 artigos sobre o tema.

Werneck (2016) informa que não tem como saber o porquê de trabalhos sobre a saúde negra serem tão baixos, mas sugere que pode ocorrer desinteresse, estímulo, ou pior, restrições explícitas das instituições de pesquisa. E é esta falta que reflete nos atendimentos na área da saúde, assim como também na área da saúde mental, como ressaltam Tavares e Kuratani (2019, p. 3): “Na rede de saúde mental, a análise dos indicadores é prejudicada, dentre outros fatores, pela incompletude do quesito raça/cor e a carência de estudos sobre prevalências de transtornos mentais segundo grupos raciais”. Da mesma forma o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2017) também reconhece a baixa produção acadêmica sobre o tema:

Hoje em dia, a Psicologia mantém-se ainda conivente com a perpetuação desse olhar, silenciando-se diante das desigualdades políticas, dentre elas, o racismo e o sexismo. Ao deixar de dispor de seu arsenal (justamente tão apropriado para questões de identidade, autoestima, relacionamento interpessoal e dinâmicas psicossociais, grupais e institucionais), ao silenciar essas temáticas em suas produções acadêmicas, ao não acolher seus efeitos diante de demandas repetidamente escancaradas e ignoradas, omite-se de participar do enfrentamento político daquelas modalidades de violência, reafirmando inclusive a demanda de mais da metade da população brasileira.

As experiências de racialização e as especificidades da subjetividade negra são consideradas nos processos de avaliação e intervenção psicológica? Que consequências são engendradas para a saúde mental e o bem-estar das pessoas negras quando há descon sideração das narrativas raciais?

Vanucchi (2019, p. 52) descreve que “a dor em carne viva desses traumas silencia, grita e chora”, apresentando o “racismo cordial” como trauma, em que a psique trabalha para afastar esse sofrimento, mas que, ao afastá-lo, nega a violência sofrida, gerando

dúvidas sobre a realidade da violência sofrida. Nesse viés, Veiga (2019, p. 246) ressalta que:

A experiência da negritude é marcada pelo desprezo e pelo ódio que a branquitude projetou sobre as vidas negras desde a escravidão até os dias de hoje. Ódio que, introjetado nas subjetividades negras, resulta num doloroso processo de auto-ódio. Essa engrenagem subjetiva de introjetar o afeto do outro como sendo seu é muito semelhante ao que se dá com uma vítima de abuso ou outra violência. A vítima, por vezes, sente-se culpada pelo ocorrido quando o afeto de culpa deveria ficar com o abusador. Culpa e auto-ódio atravessam na dolorosa experiência de elaboração do trauma de uma violência. Os abusos do racismo sobre os corpos e as subjetividades negras têm como um de seus efeitos a culpa pela condição socioeconômica precária em que a maior parte da população negra se encontra; e o auto-ódio por toda a raça negra e por si mesmo por sentir-se falho, menor, sem qualidades diante dos privilégios da branquitude.

O uso da palavra é o começo da jornada para sair da condição de vítima, que a palavra é um forte instrumento para enfrentar a dor e esboçar caminhos mais saudáveis. Verbalizar o que é silenciado é dar nome, é representar, é “tratar desse pesadelo social” (Vanucci, 2019, p. 52).

Ainda assim, mesmo quando dispomos dos lugares de fala (Ribeiro, 2017), mesmo quando possuímos o poder da interlocução e narração de nossas histórias, de nossas vivências, como os espaços terapêuticos, essa privação se mantém e prolonga as desigualdades que afetam a saúde mental negra. De fato, a fala é uma poderosa ferramenta, mas sozinha, sem a capacidade de ouvir, seu poder diminui.

A psicologia clínica é construída a partir da perspectiva branca e eurocêntrica, e apresenta deficiências significativas no atendimento a pacientes negros, ideia que Veiga (2019) discute em seu estudo:

Os currículos de psicologia nas universidades brasileiras são impregnados de colonialismo, e os autores mais estudados são homens-brancos-europeus. Estes autores, que são importantes na história ocidental da psicologia como ciência, e aqui me refiro à psicologia clínica, construíram conceitos para manejar as subjetividades brancas com o foco no sofrimento psíquico. A importação e incorporação direta das conceituações psicológicas e psicanalíticas da marca, dos processos de subjetivação não-brancos e impõem uma nosologia à imagem e semelhança da subjetividade do colonizador.

Qual a natureza e o impacto das deficiências da psicologia clínica no atendimento a pacientes negros, que diante das suas especificidades da negritude e as experiências

de racismo, acabam muitas vezes sendo emudecidas? Essas lacunas na clínica podem resultar em diagnósticos e tratamentos inadequados, além da perpetuação de estereótipos e preconceitos raciais. Então, a prática psicológica, em sua maioria, não está preparada para atender as necessidades específicas da população negra, perpetuando desigualdades e estigmas, como Vanucci (2019, p. 49) ressalta:

O fato de o Brasil, como nação, ter nascido dividido entre “homens superiores e leves” e “seres inferiores cativos” inscreveu uma marca. O outro, diferente pelos traços, pela cor, pelos cabelos, por sua origem geográfica, carrega um estigma instalado no lugar do estrangeiro e escravizado pelos “brasileiros” descendentes dos europeus.

A falta de conhecimento sobre a história, cultura e experiências da população negra limita a capacidade dos psicólogos de estabelecerem uma relação terapêutica eficaz e promover a saúde mental de seus pacientes negros. Esse problema sempre foi desconsiderado pela classe dominante do Brasil, tanto que em 13 de maio de 1899, o então ministro das Finanças, Rui Barbosa, incinerou todos os documentos pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados, tentando apagar a “mancha negra” (Nascimento, 2016).

Mas também o racismo não se sustenta apenas pelo apagamento da história do negro brasileiro; é multifatorial, e aqui Rosenberg (2019, p. 104) ressalta um dos fatores:

Quando penso no racismo brasileiro, sobretudo no âmbito da pesquisa e da ação prática antirracista, tenho adotado uma conceituação de que não se encaixa interinamente no conceito/termo humilhação, tema desta mesa, mas que pode estabelecer com ele certa interconexão. Compartilho a visão de que as desigualdades observadas entre brancos e negros no acesso a bens materiais e simbólicos se devem ao racismo constitutivo de nossa sociedade. Ou seja, adoto a concepção de que o racismo brasileiro opera simultaneamente nos planos material e simbólico. No plano simbólico, vivemos em uma sociedade que produz e se sustenta em uma ideologia da superioridade natural dos brancos sobre os demais, inclusive dos negros. O racismo opera, ainda, via expressão aberta, latente ou velada, o preconceito racial, considerando o grupo social negro inferior ao branco. Esse plano do racismo é devastador, mas insuficiente para explicar toda a desigualdade racial brasileira. No plano material, negros (e indígenas), em seu conjunto, não têm acesso aos mesmos recursos públicos que brancos, recursos sustentados por políticas públicas, o que deve à história da colonização e da escravidão e às condições atuais de repartição dos bens públicos.

Os fatos apresentados até o momento fomentam minha busca em como todos esses atravessamentos que a população negra recebe, são recebidos na clínica

psicológica. Será que os acadêmicos da Psicologia são apresentados a esse tema? E quais práticas são necessárias na clínica para que essas lacunas começam a serem preenchidas?

Um dos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo, do Conselho Federal de Psicologia (2005), ressalta a importância da atuação do profissional da Psicologia, que atuará com responsabilidade social, responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.

Os autores citados neste artigo exemplificam como o acolhimento é trivial no vínculo afetivo à população negra. Um dos meus objetivos é investigar e me aprofundar, em campo, sobre essa responsabilidade e sobre as possíveis práticas nos atendimentos de pacientes negros com suas vicissitudes. Com esses resultados, além de analisar o cenário atual, pretendo propor condutas para auxiliar a construção de uma clínica mais racializada, reconhecendo que a negritude dos pacientes impacta em suas vidas nos âmbitos social e cultural, tornando-se causador de sofrimento psíquico e definindo sua subjetividade.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de natureza aplicada, visando aplicação de práticas à resolução do problema apresentado: a invisibilidade da subjetividade negra na clínica psicológica.

Quanto aos objetivos, ela se caracteriza como pesquisa exploratória, já que, numa primeira fase o foco é o levantamento bibliográfico, focando em autores brasileiros, e por coincidência, a maioria autores negros, que em suas obras trazem elementos necessários para esta exploração do tema, tornando assim o artigo mais próximo da realidade a que se propõe estudar, além da pesquisa documental, através de dados de fontes oficiais, como o IBGE, a Constituição Federal, o Código Penal, assim como o Código de Ética Profissional do Psicólogo e o Censo Psi, do Conselho Federal de Psicologia (2005; 2022).

Quanto aos procedimentos, será utilizada a pesquisa de campo, através de formulários, para obter informações necessárias relacionadas ao objetivo central apresentado.

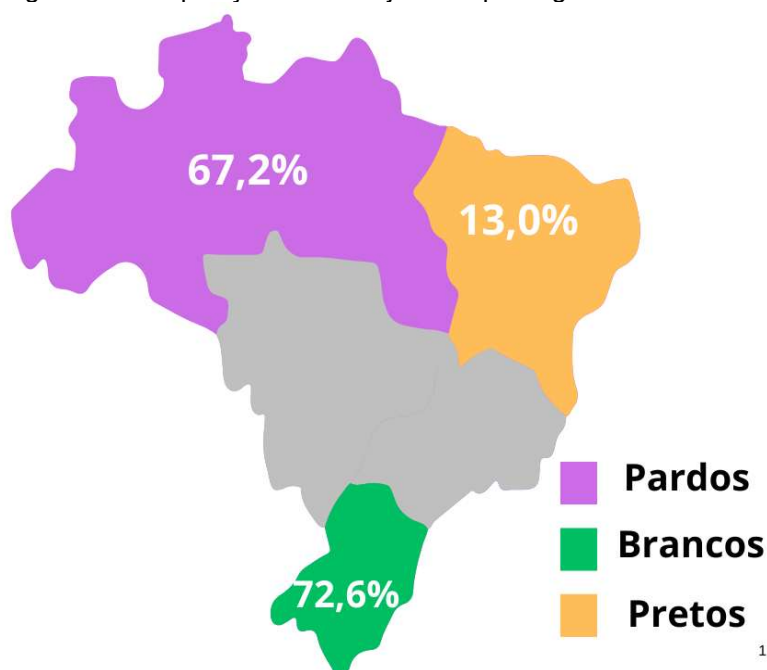
Para obtenção de dados mais complexos sobre a questão da saúde negra na clínica psicológica, irei a campo aplicar minha pesquisa, de modo a buscar respostas de vários pontos de vista no que tange ao assunto, como por exemplo, sobre quais os sentimentos que as pessoas negras possuem quando pensam em psicoterapia, se realizaram ou não e quais suas experiências nesses atendimentos. Entendo, assim, dados significativos que expõem a qualidade dos serviços da área e os números desta pesquisa.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Ao analisar como a população brasileira é composta, de acordo com o IBGE (Belandi; Gomes, 2023), é preciso considerar que pode existir uma distorção nos dados censitários, pois as conhecidas pressões sociais a que os negros estão submetidos gera uma cultura de identificação com o branco; ou seja, pessoas pretas acabam por se declarar pardas, pois se aproximam mais do branco, e pessoas pardas podem se identificar como brancos, usando de escapismos utilizados pela ideologia dominante.

Um fato interessante que pode ilustrar essa questão é a densidade demográfica apontada no Censo de 2022 do IBGE. Nessa análise, observa-se que as diferentes regiões brasileiras têm uma composição racial majoritária diferente, como apresentado na figura 1.

Figura 1 - Composição racial majoritária por região do Brasil

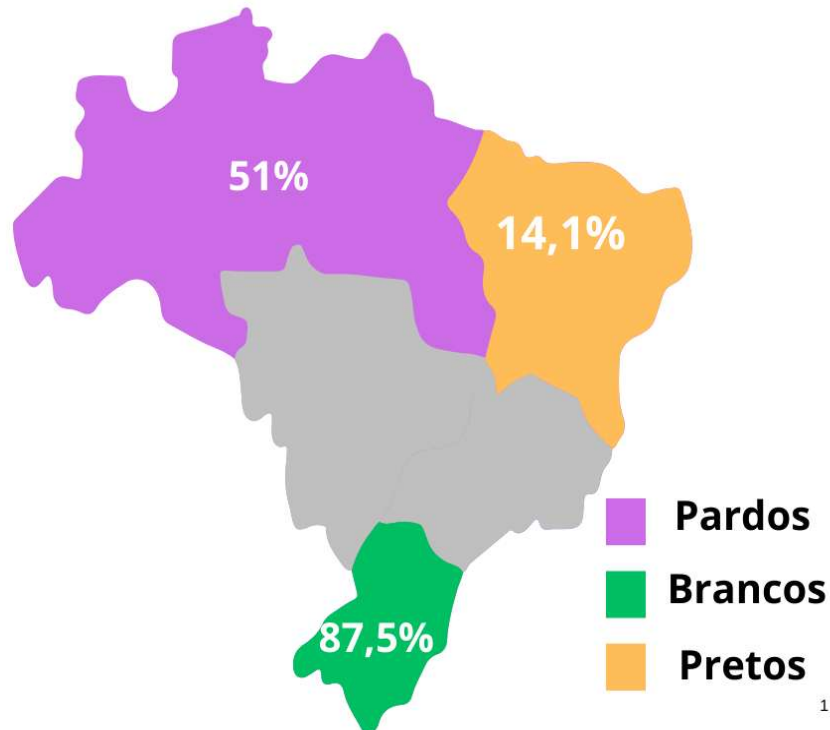


Fonte: Dados do IBGE (Belandi; Gomes, 2023), adaptados pelo autor.

Como se observa na figura 1, a população majoritária de autodeclarados pardos (45,3%) ocorre na região norte do país, e o estado com maior população dessa categoria é o estado do Pará (67,2%). Já a população branca (43,5%) se torna mais densa na região sul, sendo o estado do Rio Grande do Sul com maior concentração (72,6%). E a população negra (10,2%) se concentra mais na região nordeste, em que o estado da Bahia é onde há mais autodeclarados negros (13%).

O Conselho Federal de Psicologia (2022) também realizou um censo para conhecer os perfis dos psicólogos brasileiros atuantes, de modo que também é possível extrair uma análise racial, apresentada na figura 2.

Figura 2 - Cor da pele predominante dos psicólogos brasileiros por região



Fonte: CFP (2022), adaptado pelo autor.

Conforme vemos na figura 2, o CensoPsi do CFP (2022), a psicologia ainda se mantém branca, com maior concentração de psicólogos (63%), onde a região sul possui mais profissionais (87,5%), com uma grande diferença, a população parda ocupa 26% do quadro de psicólogos, e a região norte é a sua maior concentração (51%). Já a população negra apresenta um número ainda mais baixo no país (8,5%), e sua região de maior concentração de profissionais é na região nordeste (14,1%).

Percebe-se o contraste apresentado entre ambas as pesquisas, onde a população branca ocupa praticamente o dobro do quadro dos profissionais de Psicologia no país. Observa-se também a ressonância entre as duas pesquisas, indicando semelhanças numéricas de psicólogos(as) com a autodeclaração contabilizada pelo IBGE (2023).

Essas pesquisas apontam também que nas regiões norte e nordeste, com maiores concentrações da população negra, o número de profissionais negros ainda é baixo. E essa baixa pode ser um dos fatores que geram as lacunas no atendimento à saúde mental.

Nascimento (2016) faz um alerta sobre os resultados estatísticos de censos:

Entretanto, precisamos ser cautelosos com a significação de tais algoritmos estatísticos. Eles mostram um retrato fortemente distorcido da realidade, já que conhecemos as pressões sociais a que estão submetidos os negros no Brasil, coação capaz de produzir a subcultura que os leva a uma identificação com o branco. Temos, então, os mulatos claros descrevendo-se a si mesmos como brancos; os negros identificando-se como mulatos, pardos ou mestiços, ou recorrendo a qualquer outro escapismo no vasto arsenal oferecido pela ideologia dominante.

Vannuchi (2019, p. 107) também levanta uma questão importante sobre o censo:

[...] pretos e pardos, que constituem a categoria negro via dados do IBGE, não são, obrigatoriamente, negros identitários. Isto é, podem não se reconhecer em uma cultura negra, em uma identidade social e política negra, afrodescendente ou afro-brasileira.

Destaca-se a importância de levar em consideração que não há neutralidade na autodeclaração racial, devido à intersecção de fatores sociais, históricos e psicológicos, além das características biológicas, levando assim ao comportamento de se identificar e/ou se aproximar da imagem do branco, ou ainda não se reconhecer em uma identidade negra.

Para Tavares e Kuratani (2019, p. 3), “[...] a população negra tem pouco acesso aos serviços privados de saúde, o que contribui para que os profissionais liberais não percebam ou problematizam as especificidades do atendimento clínico a esta população”. Já conforme Vanucchi (2019, p. 49):

Projetar o estranho é uma solução da economia psíquica e o mecanismo do ódio racista tem na estrutura da paranoia o seu modelo. A rejeição a uma “cara que não agrada”, na qual não me reconheço, é uma estratégia de autopreservação ou do narcisismo, através do deslocamento na cena social daquilo que não é elaborado entre o “si” e o “si mesmo”. Trata-se de um fenômeno de massa, em termos freudianos, ou em outros termos, de uma formação passional. A história é farta de situações que nos apresentam o poder de mortificação do ódio compartilhado.

Tavares e Kuratani (2019, p. 6) ainda descrevem que o racismo aliena:

Mesmo que o fenótipo do paciente corresponda ao de uma pessoa negra ou mesmo que ele se declare negro, é comum que o sofrimento gerado pelo racismo não seja prontamente identificado por aqueles que procuram atendimento psicológico ou pelo profissional de psicologia.

Quero ser otimista e encontrar, na minha pesquisa, resultados mais animadores do que os autores citados até então. Por ora reforço o prescrito pelo 2º artigo do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005) que veda:

- a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão;
- b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais.

## 5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O campo de estudo apresentado neste texto infelizmente ainda é limitado, então até o momento os dados para o aprofundamento do tema ainda são poucos. Sendo a causa de minha pesquisa, que será exploratória, o que encontrei (até o momento) ainda é muito pouco significativo numericamente e exigirá aprofundamento.

Compreendo, por outro lado, a interseccionalidade que esse tema tem, pois não basta apenas focar nas teorias da Psicologia, sem considerar toda a história de uma pessoa, entender a sociedade, o meio que se encontra o sujeito e também os processos históricos anteriores a ele.

Como apontado, o racismo adoece e aliena, a ponto de achar que quem sofre essa violência é o culpado, não o agressor. De certa forma machuca, ao perceber que nós, negros, somos a maioria da população brasileira, mas apesar de certas conquistas, ainda nos faltam tanto, inclusive em se tratando do acesso ao tratamento de saúde mental.

Ao considerar e focar principalmente em autores negros, não se trata de uma atitude xenófoba, mas sim, um entendimento de que possuímos autores incríveis que olharam e olham para um tema muito necessário e pouco abordado a partir de suas vivências reais.

Espero que, com as conclusões obtidas, surjam novos interessados no assunto, principalmente estudantes e profissionais da área da Psicologia, que possam se qualificar e assim fomentar para que ela, conforme seu cerne, seja de fato mais abrangente, inclusiva e adaptativa às pessoas e sociedade que suporta, indiferente da cor da pele.

DUARTE, J. Corpos marcados, mentes invisibilizadas: um olhar crítico às atuações psicoterápicas à negritude brasileira. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, número especial 2, p. 57-71, nov. 2024.

## REFERÊNCIAS

BELANDI, C.; GOMES, I. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. **Agência IBGE Notícias**, 22 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 07 nov. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 07 nov. 2024.

CHAVEIRO, M. M. R. S. **Psicologia Clínica Africana**: teoria e prática. São Paulo: Dialética, 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Conselhos Regionais de Psicologia. Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas. **Relações raciais**: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP/CRPs/Crepop, 2017. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes\\_raciais\\_baixa.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf). Acesso em: 07 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem faz a psicologia brasileira?**: um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho: volume I: formação e inserção no mundo do trabalho. Brasília: CFP, 2022. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo\\_psicologia\\_Vol1\\_WEB.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf). Acesso em: 07 nov. 2022.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Maria, Maria. In: NASCIMENTO, M. et al. **Clube da esquina 2**. EMI-Odeon, 1978. Disco 2. Faixa 2. Disponível em: Spotify. Acesso em: 05 ago. 2024.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

ROSEMBERG, F. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (Orgs.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 103-112.

DUARTE, J. Corpos marcados, mentes invisibilizadas: um olhar crítico às atuações psicoterápicas à negritude brasileira. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, número especial 2, p. 57-71, nov. 2024.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. A. Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, e184764, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PS556GX8mQ7CgwwzvbVgYts/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2024.

TENÓRIO, J. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

VANNUCHI, M. B. C. C. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 46-55.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 244-248, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29000/20061>. Acesso em: 07 nov. 2024.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2024.